



## Abrindo o portal

(Cliché do dist. phot. am. sr. João San Romão)

PROPRIETARIO

*Joaquim Antonio Pereira Villela.*

DIRECTOR

*r. Francisco de Sousa Gomes Velloso.*

EDITOR

*Antonio José de Carvalho.*

ADMINISTRADOR

*Clemente de Campos A. Peixoto.*

### Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de  
informação graphica

Redacção, administração e typographia  
83, R. dos Martyres da Republica, 91  
BRAGA

#### CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGAMENTO ADEANTADO)

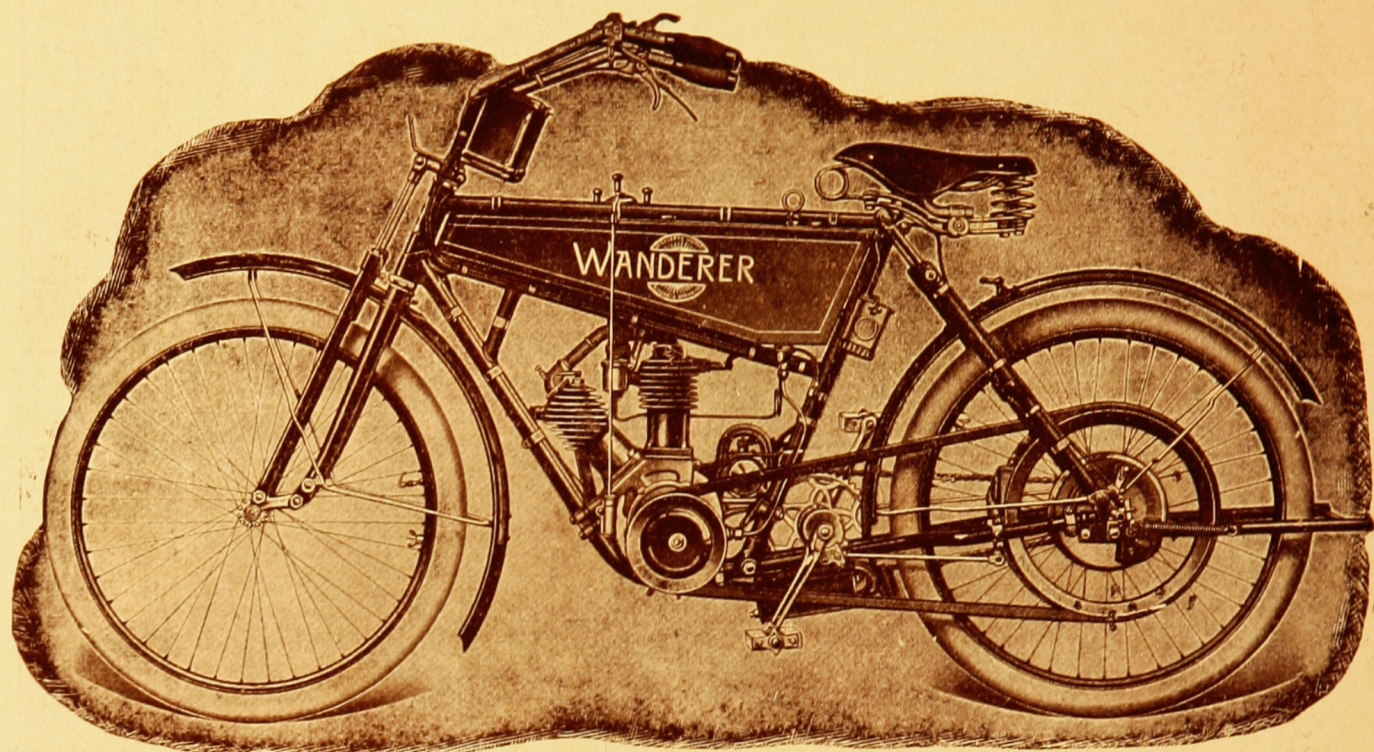
Portugal e colonias (1 anno) . .	2\$400
» » (6 mezes) .	1\$200
» » (3 mezes) .	600

A' cobrança feita pelo correio e pelo cobrador, accresce o importe das despesas.

Estrangeiro (1 anno) . . . . .	3\$000
» (6 mezes) . . . . .	1\$500
Numero avulso . . . . .	60

# José Garrido & Salazar

Grande depósito de motocicletas, bicycletas, acessórios e artigos de «Sport»



Agencia das celebres motocicletas "WANDERER,"  
Oficina de reparações

Rua de Passos Manoel, 16, 18 e 20 — — PORTO

## HISTÓRIA DA IGREJA EM PORTUGAL por Fortunato de Almeida

*Bacharel formado em Direito, Professor do lyceu Central de Coimbra, Sócio do Instituto da mesma cidade, da Sociedade de Geographia de Lisboa e da Sociedade Portuguesa de Estudos Históricos*

### Volumes publicados

**Tomo I** — Desde as origens do christianismo na península até á morte de D. Dinis (1325). Um volume de 800 pág., 2\$500 reis.

**Tomo II** — Desde a aclamação de D. Affonso IV até á morte de D. João II (1325-1495). Um volume de 812 pág., 2\$500 reis.

### Em publicação

**Tomo III** — Desde a aclamação de D. Manuel I até á morte de D. João V (1495-1750). Dois volumes. Estão publicados sete fascículos.

**Tomo IV** — Desde a aclamação de D. José I até á proclamação da república (1750-1910). Um volume.

**Tomo V** — Os acontecimentos no tempo da república. Um volume illustrado com grande número de photogravuras, e com muitos documentos.

Cada fascículo de 80 páginas; 250 reis. A cobrança é feita pelo correio por grupos de dois fascículos depois de distribuídos.

Toda a correspondência deve ser dirigida á

## Imprensa Académica

157, Rua da Sophia -- COIMBRA

BREVEMENTE

2.<sup>a</sup> Oração funebre

Conego B. Chouzal

D. Manuel Baptista da Cunha Arcebispo Primaz de Braga

Defendendo-O e Defendendo-me



# ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Sousa Gomes Velloso

EDITOR  
Antonio José de Carvalho.

ADMINISTRADOR  
Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 7 de março de 1914

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA  
83, R. dos Martyres da Republica, 91  
Não se restituem os originaes

Numero 36—Anno I



PORTO— Collegio dos Orphãos. Altar de N. Senhora da Rocha, 2.º da direita,  
da capella de N. Senhora das Graças

(Cliché do dist. phot. am. sr. Augusto Chaim).

# Chronica da semana

XXXVI



**S**UJA do lôdo das enxurradas, no recanto d'uma sargêta, já a carnavalesca mascara apodrece...

Quem a afivelaria ao rosto? Esse anda hoje talvez de braço dado com aquelle que criou de sarcasmos, e alta noite, fatigado de a tantos outros ludibriar, arranca o disfarce e intimamente maldiz a alegria fugaz em que viveu trez dias! É a mascara lá fica, abandonada á propria inutilidade, no recanto d'uma sargêta, suja do lôdo das enxurradas, descomposta, desconjuncta e mirrada;—dentro em pouco é cinza...

Era inexpressiva, sem arte, a pobre e inutil mascara. Ninguem poderia ler nos seus relevos o gracejo, a severidade ou o terror. Mas era na verdade o proprio symbolo do Carnaval que passou...

Ha mascaras de todos os feitios; ha a de seda, de Colombina, a de cartão, de Polichinello, e a mascara empoada de Pierrot. Aquella que nós vimos, a nenhuma d'estas semelhava sequer.

A mascara sempre teve o seu reinado, porque a hypocrisia não desapareceu ainda da face e do coração do homem. Desde as de cobre que os *facchini* de Milão usavam nas pasquinadas, desde as de cêra, muito apreciadas em Roma, e que por vezes eram moldadas pelos traços das estatuas, ellas foram sempre o encobrimento dos falhos de coragem, patrocinaram o crime e o insulto. *Je te connais, beau masque!*

A mascara é sempre a traição. Se a traição for bannida, a mascara não torna a ser utilizada.

E' o engano de um dia, a illusão d'um momento! Quantos os tristes que tem a sua mascara de alegria! Quantos os mansos que cingem á face a do terror! Quantos os perversos que trocam os sorrisos da perfidia pelos da affabilidade! Sempre a mascara...

Até que um dia a onda dos cansaços vem banhar e espriar-se na alma, os verdadeiros sentimentos não podem já soffrear-se sob a contensão irrespiravel do cartão, do pó, ou do setim... e a mascara cahe, o encanto quebra-se, a bondade ou a malignidade patenteiam-se.

Esse dia de decepção é um dia amargurado, cheio de tédio, d'aquelle mesmo tédio que invade a alma do truão quando, depois gritar e gargalhar facecias, recolhe a casa aborrecido e tórvo, a mioleira azuada e o olhar embaciado!

Quem não tem já assistido ao cahir de qualquer mascara? Ha no homem uma força occulta que não acceita rebôcos, entrages ou disfarces, e o que hontem nos appareceu jocun-

do, não o sendo, mal conseguirá equilibrar na curva tenue d'um sorriso toda a arte do seu fingimento!

O publico muitas vezes não devassa o verdadeiro sentir que a mascara esconde e quando ella cahe, pasma e protesta!..

... Foi o que aconteceu agora na politica. A mascara que velava a face do regimen, cahiu, e como no revelho conto infantil,

*toda a gente se espantou!*

D'esta decepção, porém, ninguem pode dizer o que virá, mas seria optimo que se arrancasse a esta palavra *decepção* tudo o que ella tem de melancolia e que ella apenas significasse o inicio d'uma actividade fecunda!

F. V.

## Aventura



*N*avegador que fui, as marés cheias  
Eram a dura estrada que eu trilhava:  
Errei de amor no canto das sereias...  
Horizontes remotos desvendava...

*P'las enxarcias—nauticas ameias  
O meu desejo, erratico, vagava  
Sonhando praias, mythicas areias  
Longes que um sonho virgem sepultava...*

*Raça do largo mar! O' meus avós!  
Sonho de Alem!... espero, como vós,  
Ir á conquista, desvendar, partir...*

*Nauta que fui, sou hoje como outr'ora:  
Marés altas... neblina... azul em fóra,  
Parto a buscar as Indias do porvir...!*

Outubro, 913.

ARMANDO CRUZ.

## A VIDA



*V*i os homens na vida embriagados  
Por um licôr de quentes alegrias  
A procurar, em lúbricas orgias,  
Na terra, um céu de bemaventurados.

*E passavam na terra sem cuidados,  
Bohemios a cantar noites e dias,  
Não suspeitando o fel das agonias  
Que a vida tem nos calices doirados.*

*Engano! Em sua mentirosa paz  
Vi aninhar-se a perfida inimiga,  
A dôr calada e lugubre e vivaz*

*Como nas tardes em que o sol castiga  
Se enrosca, se espreguiça e se refaz,  
N'um tronco pôdre, alguma cobra antiga...*

Porto, Collegio Almeida Garrett.

PADRE DONACIANO D'A. FREIRE.



# Varões assignalados



## O CARDEAL NETTO



As salas dos retratos dos velhos pousadouros senhoriaes não são apenas uma vaga ostentação de avoengos illustres, mas uma concretisação da tradição familiar em appello constante á honra e ao valor militar, intellectual ou moral, da descendencia.

O homem que olha para a tela a oleo onde está fixada a sombra humana do ante-passado que viveu a hora epopaica de Aljubarrota ha por força de sentir outra elevação do que aquelle a quem sómente tem para mostrar a photogravura d'um seu maior que a mereceu da bisbilhotice dissolvente da gazeta por feitos criminosos.

NO

No pantano das ambições politicas quadram e medram bem as figuras damninhas dos pygmeus.

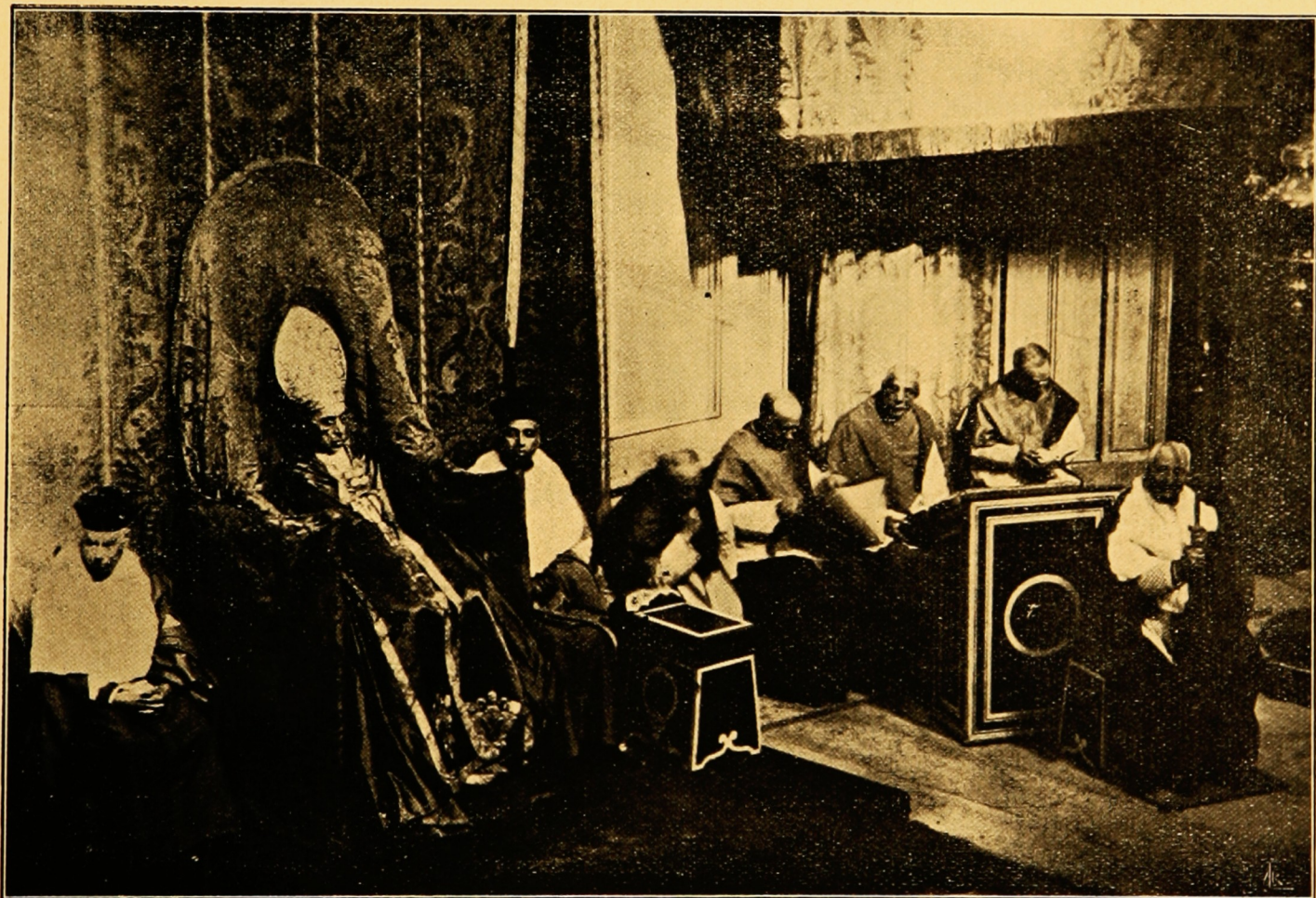
Vindo a fugir da lagôa politica, por este terreno enxuto e rijo, alto, não poremos o pé no lôdo politico.

Andaremos em companhia do ar sadio, de olhos em elevados panoramas, e só revendo-nos nos esplendores da vida que, seja ao sorrir das madrugadas seja ao meigo desfallecer dos poentes, enxergada das serras nunca lembrará a terra baixa e os seus instinctos inferiores.

Denegrir, accusar, questionar, condemnar, afundar pôde ser util quando a belleza, o triumpho ou a missão esteja em reduzir o horizonte a um cemiterio.

Erguer os olhos para uma bella aurora ou descança-los gratamente n'um fim de dia é rezar a oração da esperanza, é dar as graças ao santo dia que vivemos, é considerar os grandes quadros com que

NO



LISBOA—O Senhor D. Antonio Mendes Bello, Patriarcha de Lisboa, no solio com os conegos assistentes durante a cerimonia da Cinza

As galerias dos grandes homens d'um povo são para essa nacionalidade a sala dos retratos das velhas familias.

Para que um povo erga o braço á altura d'um generoso pensamento, não ha como pôr-lhe ante os olhos as figuras dos seus grandes homens.

Se atravessa horas de esplendor, retractar-lhe os vultos illustres é não deixar que a vista e o nivel moral da grei baixe; se soffre horas de decadencia, é fornecer a esse povo modelos de apoio, um alto ponto de mira por onde afferir a sua marcha collectiva.

a natureza decóra os seus salões e alevantar a alma, meditar assumptos elevados.

Grande homem novo ou grande figura do passado, madrugada ou poente, tudo é caminhar de olhos postos n'uma estrella; a estrella da manhã ou astro do occaso.

Por mim prefiro o divino e discreto espectáculo dos poentes aos alvoroços inexperientes da aurora.

Os poentes tem a candura reconciliadora de um acabar da vida, lembram a velhice, o repouso resignado e definitivo de uma vida que cede o lo-



gar e a tarefa a outra, que passa o corcel e a espada a um descendente que continue a batalha e a fama.

Teem mais ternura, evocam o declinio de uma figura magestosa que morre a perdoar e a suggerir grandeza.

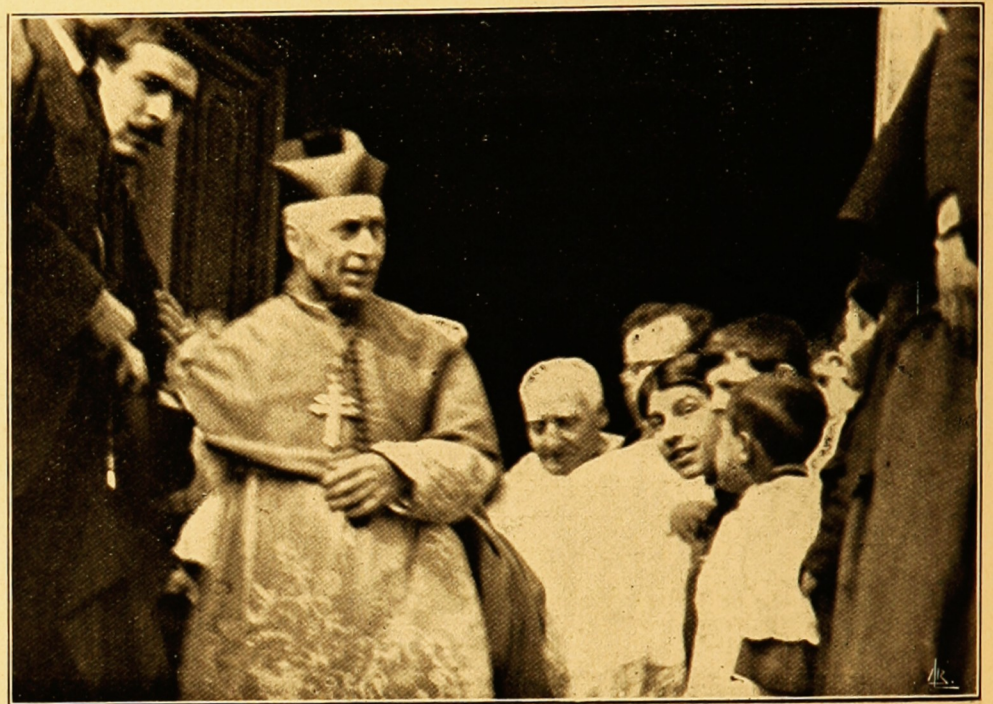
Um fim de dia foi sempre para mim a imagem do finar de uma vida humana. Nunca olhei sem commoção e respeito para um poente; jamais fitei sem respeito e enternecimento os derradeiros bruxuleios de uma vida.

Os velhos, desde que elles não sejam a cryptogamica egoista e desconjunctante que se embrechou nos muros da patria, teem o meu respeito e a minha ternura. Adoro os velhos, e sempre lhes fallo com a voz vellada como se faz ás creanças, porque os velhos soffrem tanto ou mais do que as creanças com os modos rudes. E tambem antes me quero, para conversar e me gozar do convivio humano, na companhia dos velhos do que andar com a mocidade. A vida de um velho quando não fôr um livro de historia, ha sempre de ser uma taboa de leis, um foral de ensinamentos.

Aqui me occuparei, pois, dos nossos grandes velhos, dos varões assignalados d'esta epocha, para descançar a vista e alevantar a alma.

Na hora presente, em que Lisboa acaba de festejar o regresso do Senhor Patriarcha Mendes Bello á sua diocese, cuido que é a proposito evocar a figura do antigo Patriarcha de Lisboa que n'uma humilde cella de um mosteiro de Sevilha conserva e de cada vez mais augmenta a sua grandeza moral—o Cardeal Netto.

N'este Principe da Igreja, com quem nunca tive a fortuna nem a honra de avistar-me, concorrem, diz-m'ò a bocca verdadeira da tradição, a majestade da dignidade que exerceu no Patriarchado e a humildade severa do franciscano. Soube como pou-



LISBOA—O Senhor Patriarcha sahindo da Sé depois de realisada a cerimonia da Cinza



LISBOA—Penitenciaria—As familias dos presos politico; aguardando a sahida dos amnistiados

(Clichês do nosso corresp. phot. de Lisboa).

cos ser Patriarcha; sabe, como os mais humildes, observar as pesadas regras da Ordem.

Em duas ou tres notas se desenha a completa figura do Cardeal, que á sua veneranda condição de professo melhor vae o retrato descarnado e espiritual que a tela com as purpuras da sua auctoridade prelaticia.

Quando D. Luiz I entrou na agonia, apresentou-se na cidadella de Cascaes o Cardeal D. José Netto que fallou assim á Rainha D. Maria Pia:

—«Sua Magestade está abandonado dos medicos. O seu estado é muito grave. Doloroso me é fallar com este desengano a Vossa Magestade, mas tanto El-Rei como eu temos deveres a cumprir. Venho para confessar e ministrar a Extrema-Unção a El-Rei.»

—«El-Rei não está tão mal

como o Cardeal julga, e nós vamos assusta-lo...» — disse a Rainha.

— «Estou bem informado, real senhora! El-Rei está perdido. E' chefe d'uma nação catholica, El-Rei tem deveres a cumprir; eu sou o Patriarcha de Lisboa tambem tenho deveres a cumprir. Não saio d'aqui sem o confessar e lhe dar a Extrema-Unção.»

E assim fez.

O Cardeal Netto, que assim era rigoroso para com os mais, era-o egualmente com elle proprio. Uma vez estando ao Santo Sacrificio da Missa, na occasião de commungar achou-se mal, teve uma ancia e rejeitou a Sagrada Hostia. Ajoelhou, purificou e obrigou-se a retomar a sagrada particula, continuando a officiar.



O Eminentissimo Cardeal Netto

No tocante a direitos era tão stricto como na observancia dos deveres.

Quando exercia o Patriarchado, nunca cedeu ao throno um palmo do seu logar. O Patriarcha tinha, de direito, um pé no primeiro degrau do throno. Nas recepções, a primeira dignidade que formava a «parede» era o Cardeal; cruzava os braços, pousava o pé no primeiro degrau do sôlio régio, e d'ali não o arredava, durasse a cerimonia, como no beija-mão do dia de Anno-Bom, duas ou tres horas.

Os officiaes e dignitarios palatinos que faziam parte da «parede», mudavam de posição, descançando o corpo, ora n'uma perna ora n'outra. O Cardeal D. José Netto onde punha o pé, ao começar da cerimonia, era onde o tinha ao acabar. Quando se retirava, notava-se que arrastava a perna, dormente do exorço a que a sua vontade de ferro se obrigara...

Despedindo-se das grandezas do seu divino principado, e recolhido á sua estamena de varatojano, a prelibar do paraizo, o Cardeal nunca extranhou a severidade da Ordem, nem se deu por des-acostumado dos seus rigores.

Ainda o verão passado, no castello de Sygmaringen, onde foi casar o Senhor D. Manuel, o Cardeal Netto deixou uma prova da obediencia ás durezas da sua Regra.

Haviam-lhe destinado um quarto magnifico, com um leito de docél, colchão fôfo e de mólas, installação de principe.

Sua Eminencia chegou, entrou no quarto, e só disse :

— «Peço desculpa, mas a minha Ordem não me permite utilizar este leito.» — E immediatamente, elle pegou d'um lado, o famulo do outro, tiraram os colchões e enxergão, e o Cardeal dormiu estreme nas tabuas, como uma d'essas estatuas jacentes que, sobre a pedra tumular, abençoada pelo braço cruzado das cathedraes, descançam d'esta vida, eternamente.

Grande do Reino da Fé, a vida do Cardeal Netto contém grandes exemplos para grandes e pequenos que queiram com elevação praticar os seus deveres de catholicos.

O radicalismo chamou-lhe jesuita.

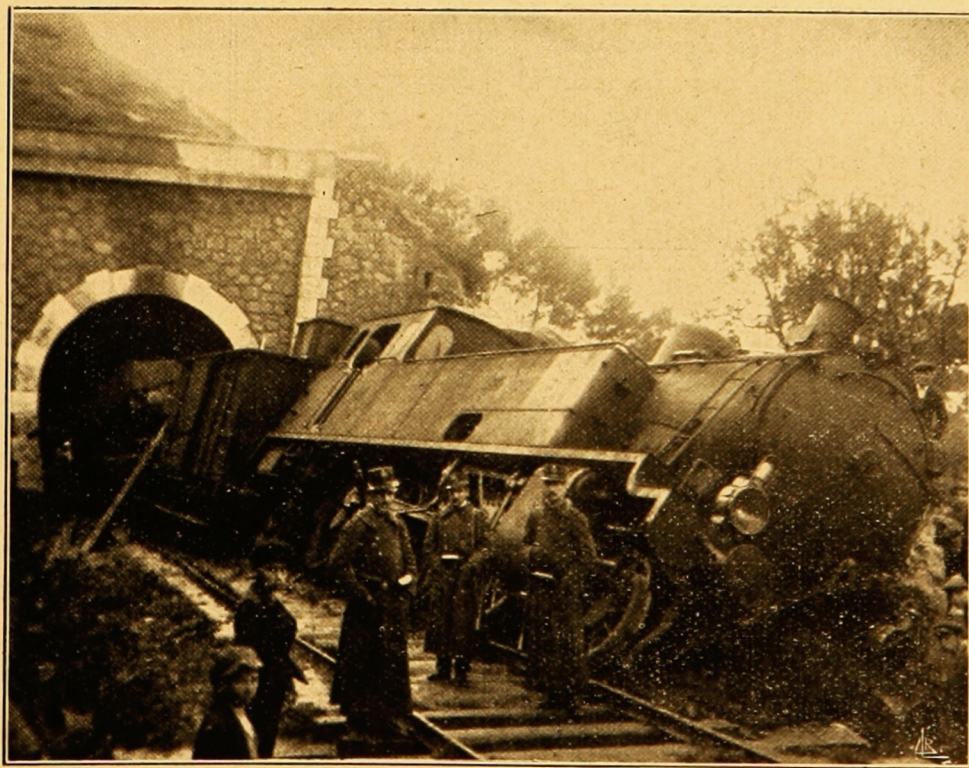
E' natural que a historia do Patriarchado de Lisboa algum dia lhe chame Santo.

Paris, fev. 914.

JOAQUIM LEITÃO.

Não vêr senão o que é, é sabedoria: não querer senão o que se pôde, é prudencia: não desejar além do que se possui, é felicidade.

## A ultima parede ferro-viaria



LISBOA—Um descarrilamento em Xabregas

# O prisioneiro de Fontainebleau



A cem annos.

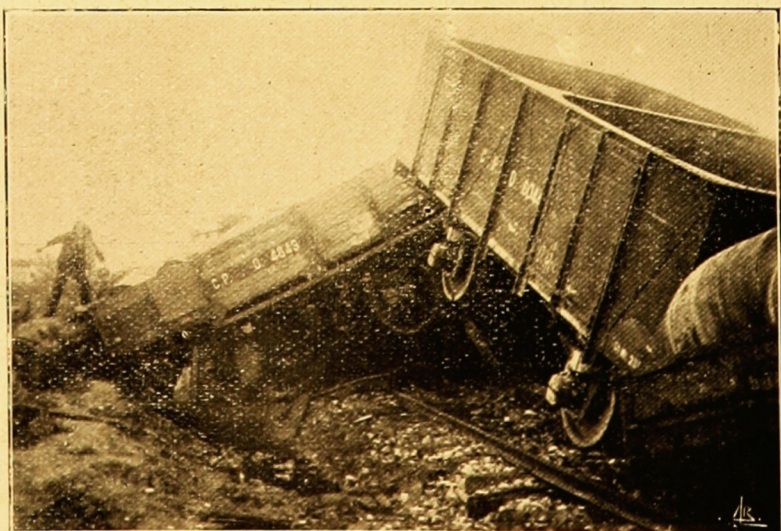
O Imperador acaba de abraçar no berço essa creança, esperança do seu orgulho dynastico, cuja debil fronte é esmagada sob o pezo da corôa de rei de Roma.

Nervoso, passeia no seu gabinete. O quotidiano boletim da policia que acaba de percorrer n'um relance, informa-o de que os thuriferarios, atterrificados com a sua agonia politica, começam a tractar abertamente com os conspiradores, e que a massa do povo assignala nos seus propositos um cansaço que espera, não sabe de que providencial intervenção, o termo das repetidas angustias que succederem á confiança delirante dos dias que a victoria illuminára.

Sobre a meza, desdobra-se um plano de operações. Diz-lhe elle as defecções successivas da Prussia, da Austria, da Baviera e das tropas saxonicas que decidiram as dos principes da Confederação. A Suecia e a Russia arrastaram a Dinamarca, ultima aliada da França no norte. A Hollanda proclamou a sua independencia sob a protecção prussiana. A neutralidade da republica helvetica foi entregue aos austriacos pela aristocracia suissa. A Inglaterra que chegou a cimentar esta coalisção, já não se limita a pagar os serviços dos aliados, a dirigir, a corromper os seus gabinetes: levanta exercitos e torna-se potencia militar. A Italia, cuja regeneração era a sua lisonja, ergueu-se contra o seu *libertador*, e Murat, o seu cunhado Murat, que elle fizera rei para acalmar os seus resentimentos pessoais e satisfazer as suas ambições dera-se á coalisção europeia.

Como enfrentar os elementos vingadores? Como sustentar a vaga d'esta invasão formidavel? Um milhão de inimigos, menosprezando o seu poderio oscillante, transpõe as fronteiras e vem ao seu encontro nas planicies da Champagne. Estão em Cherburgo, em Vesoul, em Langres, em Dijão, em Chalon-sur-Saône. Visam Paris, approximam-se de Fontainebleau.

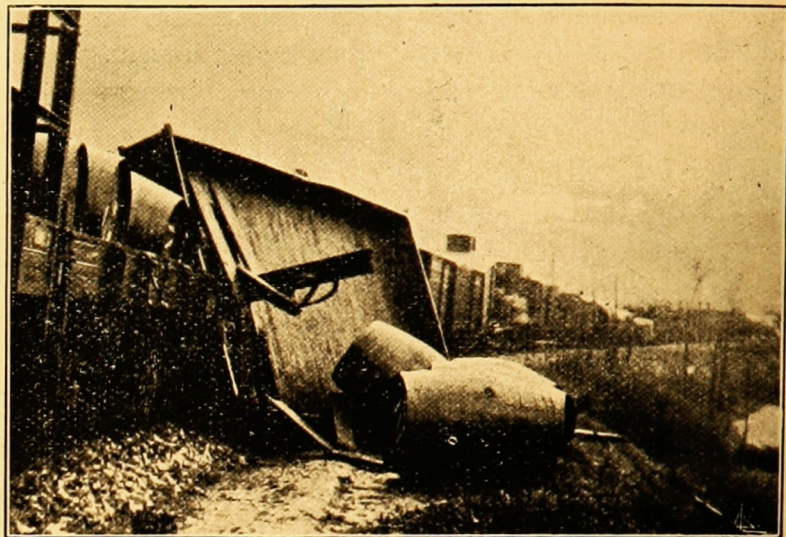
Fontainebleau!



Lisboa—Um descarrilamento na linha da Povoá

Fontainebleau onde está prisioneiro, por imperial vontade, o mais illustre dos soberanos d'este mundo: o Soberano Pontifice, Pio VII. Vae elle abandonar aos inimigos vencedores a honra e a alegria de o libertarem?

Este pontifice que, cedendo a artificiosas palavras, no seu desejo de restabelecer a auctoridade da religião e dar a paz á Igreja, consentira em verter os santos oleos sobre a fronte do soldado feliz, havia-o elle accusado de imagina-rias affrontas, e atormentado com uma brutalidade cada vez



LISBOA—Descarrilamento de um comboio de mercadorias em Alcainças

maior, a cada uma das suas victorias, depois d'Austerlitz e de Tilsitt. Vangloriando-se de ser o herdeiro de Carlos Magno, dissera-lhe: «Vossa Santidade é o soberano de Roma, mas eu sou o seu imperador.»

Rei de Italia, protector da Confederação germanica entendera que podia intrometter-se em questões espirituaes. Reduzira a soberania temporal do Papa a um phantasma:— «Senhor, dizia Pio VII, se é assim que eu devo viver, se a minha vida deve tirar seu alento d'estas afflicções, é bem verdade que, sob a apparencia da paz, eu soffro uma amargura maior que qualquer outra.»

Depois, foi, pela callada da noite, o assalto do palacio pontificio, a antecamara invadida pela soldadesca, a porta, forçada a machadadas, que cahe e mostra, assentado, angusto e calmo, o Papa, que lentamente, se volta e diz ao auctor d'esta expedição sacrilega:

—Porque me vindes, a tal hora, perturbar na minha morada e no meu repouso?

E como o general dissesse ao Papa a ordem do seu dono, de renunciar á sua soberania temporal, senão seria preso, o Papa responde-lhe:

—Nós não podemos! Nós não devemos! Nós não queremos...

E viu-se então o Vigario de Jesus Christo a subir o seu calvario sobre os caminhos do exilio, arrastado para Florença, arrastado para Alexandria, arrastado para Grenoble, encerrado em Savone. Este exilio e este captiveiro duram cinco annos. O seu ultimo termo será em Fontainebleau.

Lá está, esse prisioneiro, cuja doçura, serenidade e firmeza na moderação nenhuma brutalidade nenhuma injustiça, nenhuma caricia alteraram.

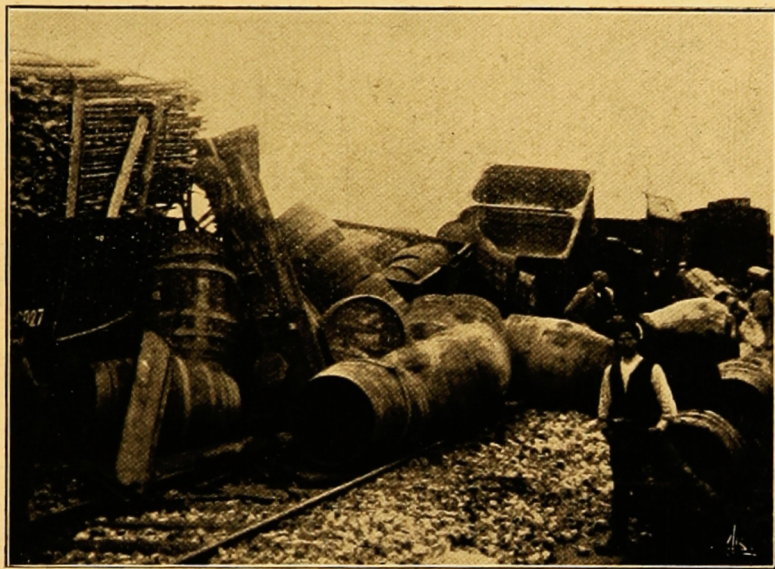




Napoleão, que a fortuna atraíçoo, dirigiu-lhe emissarios para lhe fazer saber que agora não era impossivel derubar os obstaculos do seu regresso aos seus Estados. A faes propostas, o Papa respondeu que um acto de justiça não podia depender nem dimanar d'um tractado, e que tudo o que elle fizesse fóra dos seus Estados pareceria effeito da violencia e seria causa de escandalo para o mundo catholico.

—E' possivel, dizia elle a Mgr. Falot de Beaumont, um dos enviados pelo Imperador, que os meus peccados me tornem indigno de tornar a vêr Roma, mas sêde certo de que os meus successores recuperarão todos os Estados que lhes pertencem.

Esta resistencia áquillo que elle sabia sêr o mais querido desejo do Soberano Pontifice, surprehendera o Impe-



### LISBOA—Mercadorias damnificadas pelo descarrilamento na linha da Povoá

(Clichés do nosso corresp. phot. de Lisboa).

rador, incapaz de comprehender os principios d'uma sabedoria que sómente se inspira em necessidades permanentes e eternas.

Comtudo, elle tinha pressa de chegar ao fim; tinha pressa de fazer crêr. em face dos acontecimentos que se precipitavam, n'uma reconciliação que lhe podia ser util. Porque não era por effeito nem da sua justiça nem do seu arrependimento que elle convinha em devolver esses bens usurpados que estava sob ameaça de perder: é que o re de Napoles entrara na coalisção com esperanza de poder eventualmente reunir Roma ao seu reino. Antes o Papa libertado do que Roma para Murat!

As supremas negociações tropeçaram na intelligencia inspirada de Pio VII, e se Napoleão estava tão agitado n'aquella manhã de 21 de janeiro—sinistra data que lhe recordava o sangue de que lhe adviera a sua corôa—era que é de habil politica parecer abandonar a preza na vespera de a perder. E elle escreve ao general Savary:

—«Fazei partir esta noite, e antes das cinco da manhã, o Papa, para se dirigir a Roma... O ajudante conduzi-lo-ha a Savone... O adjuncto do palacio dirá que o leva para Roma aonde tem ordem de o fazer chegar como uma bomba... Chegado a Savone, o Papa será tractado como d'antes.»

A execução da ordem foi retardada; teve logar na manhã de 23 de janeiro de 1814. Não era uma sahida, era um rapto. O cardeal Pacca traçou a scena dos adeuses de

Fontainebleau que em pouco precedeu aquella: «Muitos verteram lagrimas, e todos nós promettemos obediencia e fidelidade. Em seguida, no mesmo quarto, o Papa tomou algum alimento continuando a conversar connosco», mostrando sempre «a mesma serenidade» e «essa antiga alegria que Deus se dignára dar-lhe».

Seguido por todos os cardeaes, quiz ir á tribuna da capella fazer uma curta oração, «abençoou a assistencia, depois, dirigiu-se para o pateo e ahi, no meio dos soluços de tantas passoaes que perguntavam a que sorte elle estava reservado, subiu para o carro de viagem com Mgr. Bertolozzi, e, ao abandonar-nos, a sua mão estendeu-se ainda para nos abençoar».

A viagem pelas estradas da França foi de caso pensado prolongada; «a fortuna é voluvel e o imperador perguntava se algum acontecimento lhe permittiria reter ainda o Papa sob a sua oppressão dolorosa», diz Mayol de Suppé que escreveu, n'um livro admiravel, a historia definitiva do captiveiro de Pio VII em Fontainebleau. Gastou-se vinte e cinco dias para fazer uma viagem que em 1812 apenas exigira seis.

Por mais vagorosa que fosse a marcha, não tinha surgido o acontecimento que permittiria ao Imperador manter o Papa sob o seu dominio. Apoz a tomada de Sissons, que lhe mostrou que tudo estava perdido, fez elle saber ao seu agente que consentia em que o Papa voltasse aos seus Estados, mas accrescentava, levando ao ultimo extremo o seu jogo de duplicidade «que seria preciso muito cuidado tanto em o reconhecer como em não o reconhecer».

Que espera elle para que assim reserve o meio de recubrar a palavra dada? Uma mudança da sorte? A Chabral-Crouzol, funcionario imperial em Alexandria,



PIO VII



# PORTO -- O Carnaval dos estudantes

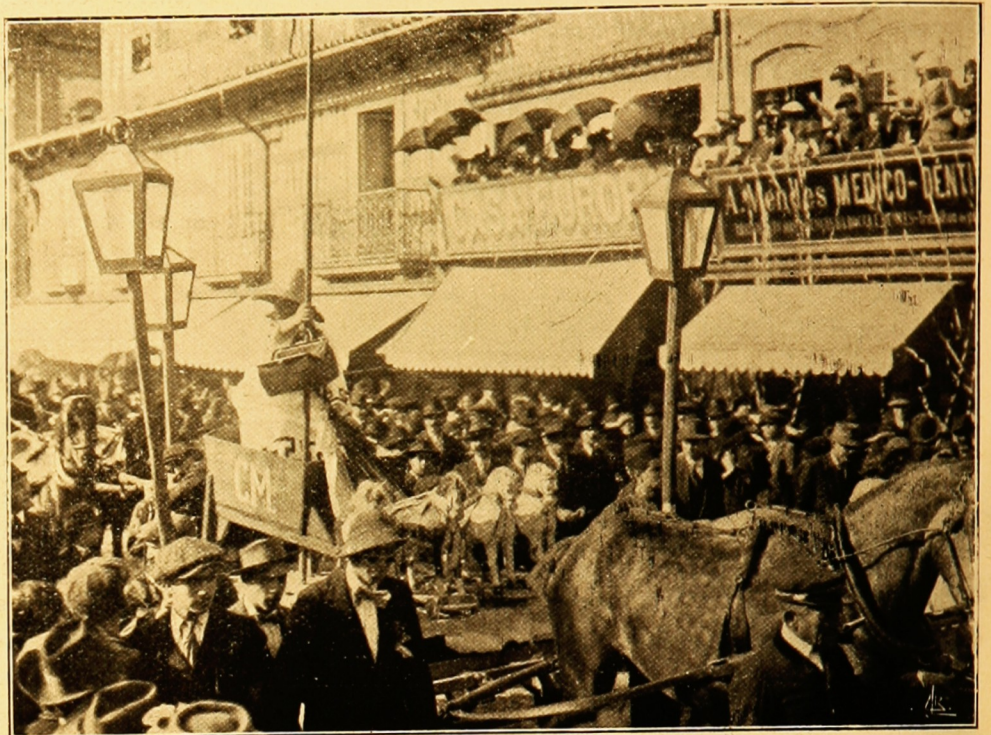
que offerecera hospitalidade a Sua Santidade ao passar por essa cidade, e que dizia contar ainda com uma d'aquellas ideias geniaes que eram habituaes ao imperador:

—Não, não, meu filho, respondia o Papa, elle pôde ter ainda tropas numerosas e valentes, mas o gladio embotou-se-lhe. Deus já não está com elle, desde que voltou contra a sua Igreja o poder que d'ella recebeu!

Era uma prophecia.

N'esse mesmo castello de Fontainebleau onde o Papa estivera prisioneiro, o dominador, ebrio do seu poderio sustentado apenas por espadas, abdicava dos thronos da França e da Italia, e, colosso, desabava aos pés dos seus inimigos.

Ia, fugitivo por seu turno, tomar a rota do exilio abandonado, renegado e trahido, sob a indiferença e os



**Carro do "Arrinca,,**

*Decorreram brilhantes as festas carnavalescas em homenagem ao "Arrinca Christos,,. A seguir publicamos alguns clichés do grandioso cortejo.*



**Carro do Homero**

ultrages. «Que espectáculo e que contraste, diz Mayol de Luppé; aqui, o Imperador, hontem victorioso, deante do qual a Europa estremecia; hoje, no abandono, curvado sob a humilhação d uma corôa irrisoria que do *successor de Carlos Magno*, como elle gostava de dizer, fez um rei da ilha d'Elba. Além, o Papa, hontem captivo, cbasqueado e desamparado, hoje glorificado, acclamado, encaminhando-se para a cidade sancta, na sua marcha triumphal, por entre um povo



**Carro das formigas brancas e pretas**

prosternado. Jamais foi dado aos homens o meditar em maior lição!»

O soldado filho e vencedor da Revolução, no seu vão orgulho, julgára possivel ao homem deslocar o dominio da razão soberana e adjudical-o ao seu imperio, Escarnecendo, aperreando, ultrajando a mais alta auctoridade moral que existe sobre a terra, julgára envolver o reino da ordem nas unicas regras arbitrarrias da sua auctoridade, apenas

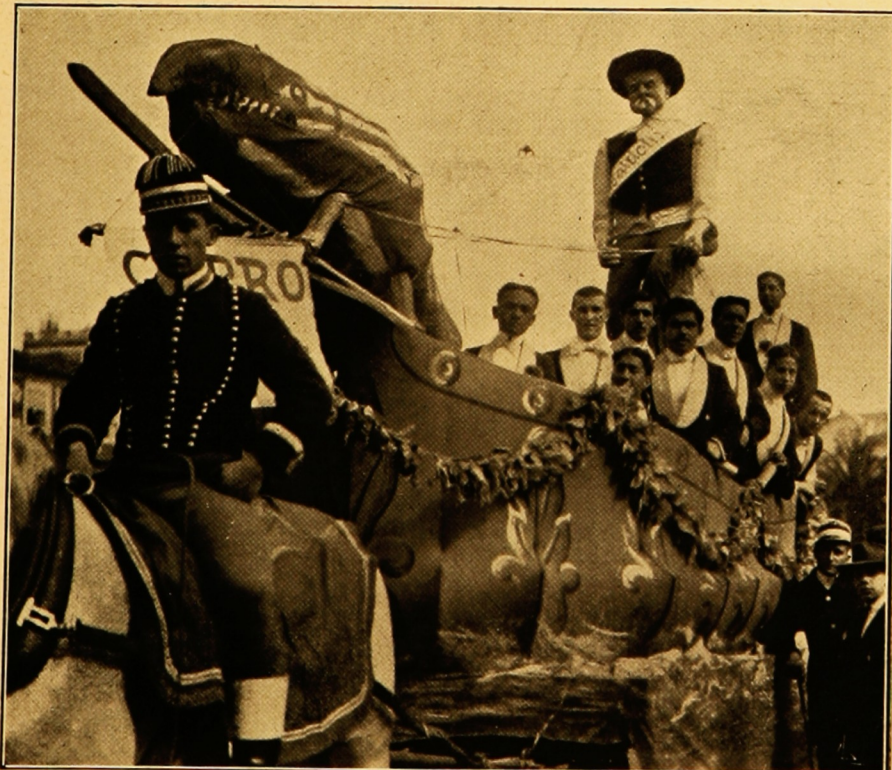


sustentada pela gloria. O despertar, foi Fontainebleau. Fontainebleau onde, no Papa, elle imaginára encadear a Egreja escrava ao seu carro victorioso; Fontainebleau onde, um dia d'abril de 1814, deprimido, consternado, incoherente deante d'esse papel que é a acta da sua abdicção, primeiro recusando-se a assignal-o, depois, subitamente, tomando a penna como se um clarão tardio fuzilasse no seu espirito, pronunciava, vencido, humilhado e submisso, deante dos seus tenentes que afferrados o contemplam: *"Deus não quiz!"*

JORGE MONTORGUEIL.



Carro Leilão da Carris



Carro dos Adesivos



Carro do Parlamento

## VIDA INTENSA



(PAGINAS D'ALÉM FRONTEIRAS)



EM uma palavra de saudade, sem uma flôr, sem uma unica referencia no noticiario vulgar dos grandes jornaes, enterrou-se ha dias em Londres a viuva de Wilians Morris, o poeta amavel do *The Esthly Paradise*.

A sua morte foi, como a sua velhice, uma expressão amarga d'isolamento e abandono.

Esta boa velhinha, que agora dorme tranquilla no talhão geometrico d'um cemiterio inglez, teve na mocidade horas perturbadoras de gloria e de dominio. Inspiradora dos versos do marido, ella foi tambem a musa bizarra dos *prae-raphaelistas*, a belleza admiravel e juvenil que animou as telas delicadas de Rossetti e os *panneaux* magistraes de Burne Jones.

Se um acaso, inexplicavel mesmo, atravez da mais bizarra phantasia, resuscitasse por momentos, aquelles artistas, seria doloroso ver como aquella ruina de belleza longinqua fugiria amargurada aos olhos horrorizados dos seus pintores. A *Francesca* de Rossetti ou a *Venus* de Burne, não



seriam reconhecidas n'aquella velhinha corcova e desdentada, que, ha pouco ainda, arrastava os seus noventa annos pelas tumultuosas ruas de Londres.

O que essa mulher deve ter soffrido ao ver-se

poupano ao mundo a desillusão de ver a velhice da *Proserpina* ou da *Beata*, não quebraram o encanto lendario d'essa mulher, que hade perdurar nas telas magistraes dos *prae-raphaelistas*, como



Grupo diplomata



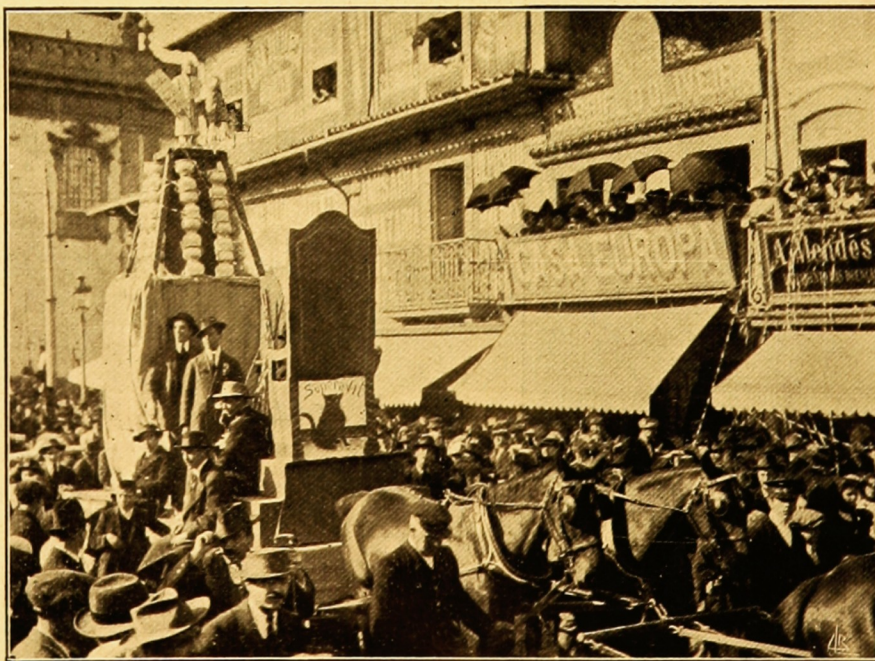
Fanfarra dos 3333 reis (senadores)

demudada e velha, não o diz o unico chronista que refere laconicamente a sua morte. Deverá ter sido um pequeno drama de saudade, d'amargura, de *coquetterie*, de vaidade e de raiva — cortado apenas pelo prazer raro que experimentamos que viveram e revivendo remechem as cinzas — a decrepitude da musa e interessante tambem seria surprehende-la em frente do espelho, a ver-se ainda como fôra, porque, — eu iria jura-lo, — essa mulher remirou-se até á morte, não no crystal lavrado do seu *bondoir* discreto, mas no espelho lisongeiro das suas recordações.

Burne, Rossetti ou o proprio marido, não a teriam reconhecido, como ella de resto se não reconhecera no seu ultimo retrato. Os jornalistas foram piedosos;



Carro dos ratos



A estatua de prata

um vivo exemplar de belleza admiravel.

O acaso traz-me á memoria outra pequena tragedia d'emoção: é a historia commovedora d'outra velhice dramatica, a visão acabrunhadora d'outra belleza em ruina, d'outra illusão tristemente desfeita.

Mademoiselle Clairon, a estrella da *comédie*, que deslumbrou Paris com a sua belleza e a sua voz musical, adorada pelos reis, cantada pelos poetas, idolatrada pela multidão, morreu desamparada, esquecida, na mais dolorosa miseria.

Essa admiravel mulher, que foi uma das mais celebres actrizes francezas, que teve a suprema honra de ser pintada por Fragonard, — o retratista inegalavel da belleza feminil — n'uma tela

que o proprio Rei mandou emoldurar em ouro, morreu com fome. Ha na sua miseria um episodio tragico, que eu não sei recordar sem amargura e que hade merecer uma lagrima dos olhos compassivos e lindos d'alguma leitora. No meio da sua gloria, um principe russo apaixonou-se doidamente por ella. Põe-lhe aos pés o seu nome, os seus castellos, as mil *verstas* do seu senhorio, e Mademoiselle Clairon recusa. Ama-o tambem mas não lhe sacrificará a sua arte que ama muito mais. O principe foge desalentado, ella segue na sua gloria e lá longe, entre a neve, dominando feroz os seus möujiks submissos, vae seguindo, amoroso, os triumphos do seu idolo perdido. Muitos annos depois, o principe volta a Paris e procura-a por toda a parte. Corre, investiga, aneia, para encontrar o unico amor da sua vida, mas quasi ninguem a conhece já e ninguem sabe onde pára... Um dia, a sua antiga porteira indica-lhe a morada.

Mademoiselle Clairon vive para os lados do Sena, n'uma trapeira sem luz, mendiga quasi...

O principe sobe os cinco andares do casarão e



### Carro das suffragistas

Clichés de J. d'Azevedo phot. da «Ill. Cath.»

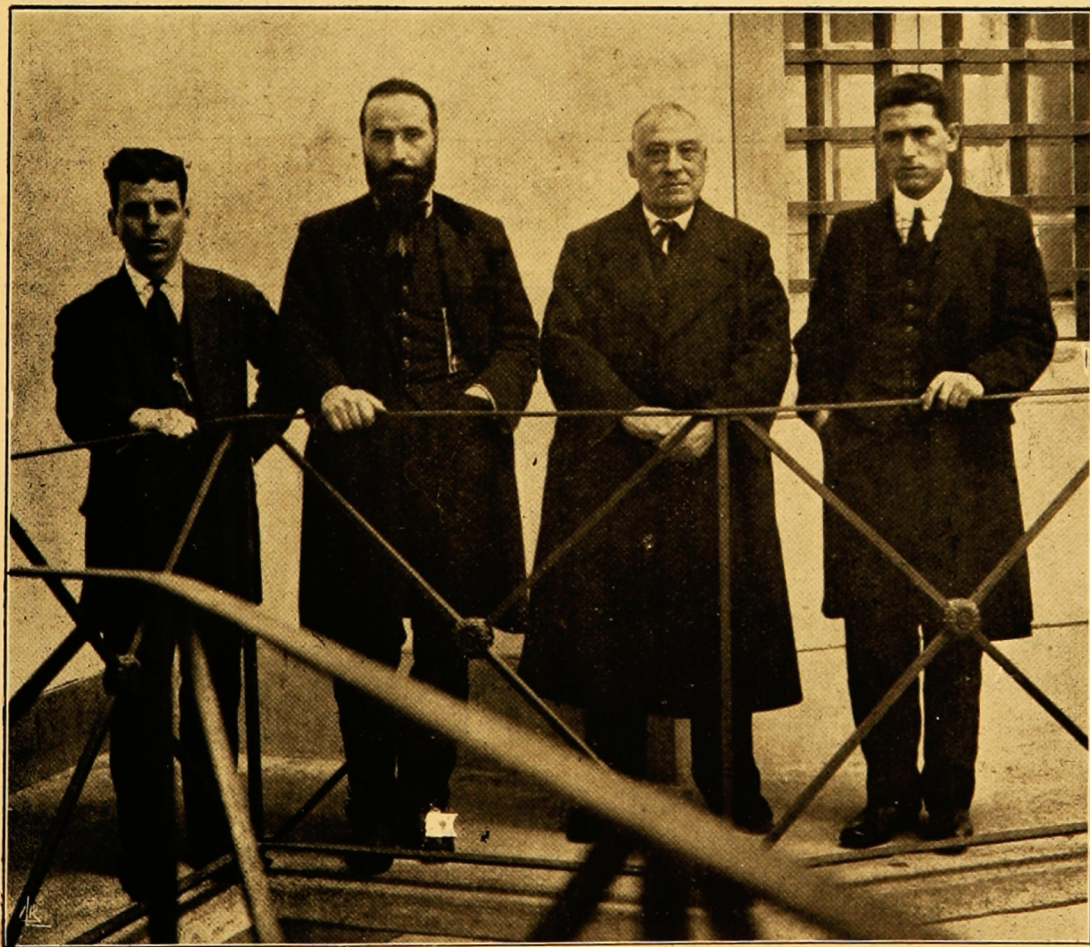
bate á porta carunchosa. Apparece uma velha horrenda, o lenço atado á volta da cabeça, apertando umas farripas grisalhas, o corpo trémulo, embruhado n'um chaile em farrapos, sem um vestigio da antiga belleza; irreconhecivel no meio d'aquella miseria...

— Mademoiselle Clairon?... — pergunta o principe, sem suspeitar que aquelle lenço de ramagens desbotadas cobre a cabeça viva d'aquella linda mulher, que Paris adorou e que foi uma das glorias da arte francesa...

A velha, que o reconheceu com alegria e com pesar, que o amou e ama ainda, passando pela imaginação as horas do triumpho e do prazer, com os olhos accendidos n'um derradeiro brilho, a bocca tremula pelos soluços, endireitou-se nervosa, teve um ultimo lampejo de *coqueterie* e ao abrir-lhe os braços, vendo a sua miseria, — por vergonha, por orgulho, por uma d'estas inexplicaveis razões que só as mulheres justificam, dominou a intima alegria e respondeu entre amargurada e azeda:

— Mademoiselle Clairon est sortie... — e fechou resolutamente a porta...

JOSÉ DE FARIA MACHADO.



### BRAGA—Presos politicos de Vizeu ultimamente amnistiados

Da esquerda para a direita: Padre José d'Oliveira, Padre Luiz Ferreira da Ponte, Padre Francisco Paes Pereira e Padre Victorino Marques.



# Fastos do Catholicismo

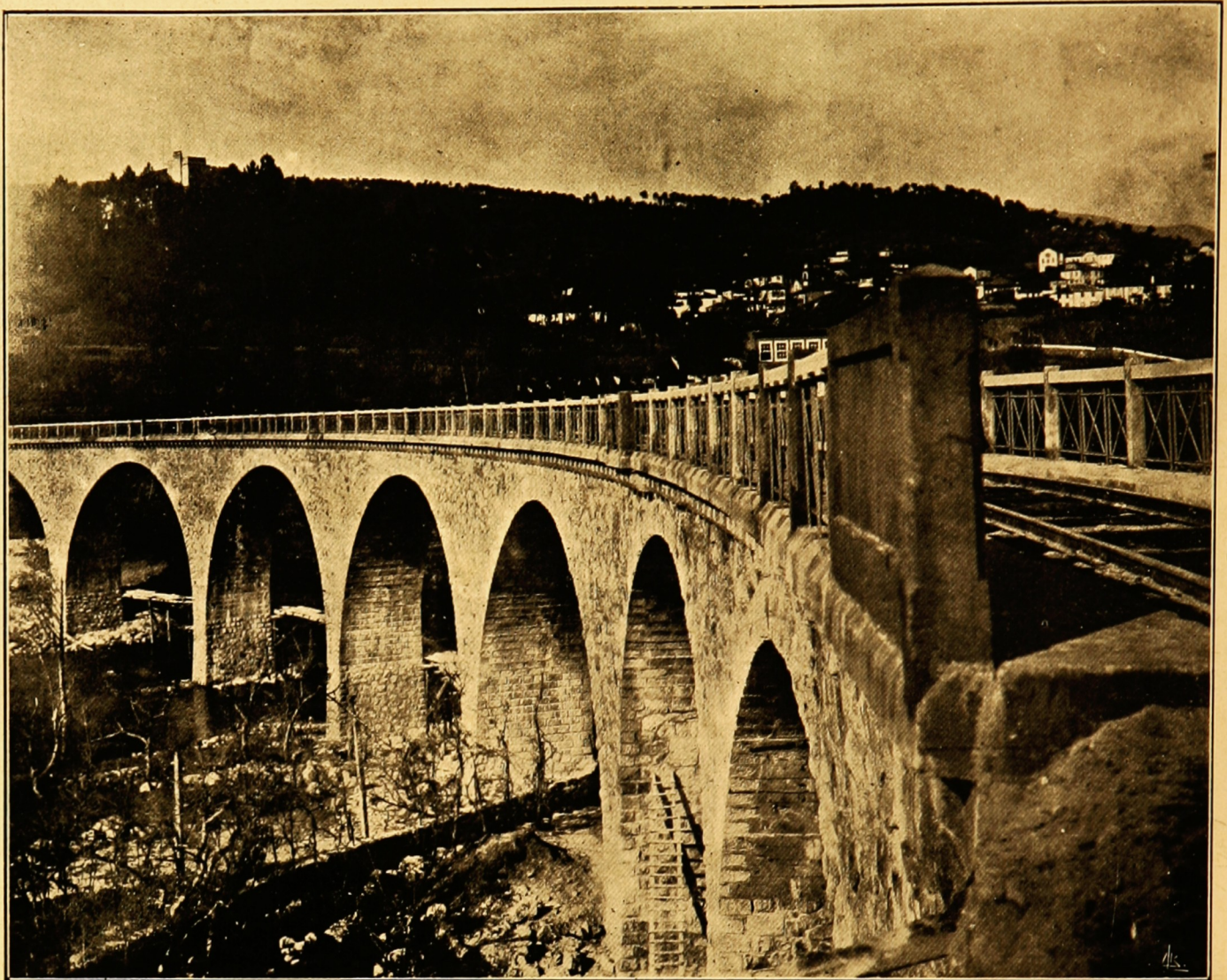


## Congresso eucharistico

O ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Bispo de Namur, Belgica, presidente do futuro congresso internacional eucharis-

Dos bispos, 2 eram italianos; francezes os restantes. Quanto aos sacerdotes eram 109 os francezes, 22 italianos, 15 hollandezes, 12 belgas, sendo os restantes de varias nacionalidades.

As «Missões extranjeiras» de Paris, viram mor-



**S. PEDRO DO SUL**—A nova linha ferrea—Um aspecto da nova ponte sobre o Vouga. A' direita vê-se a povoação de S. Pedro e á esquerda o antigo Palacio Real.

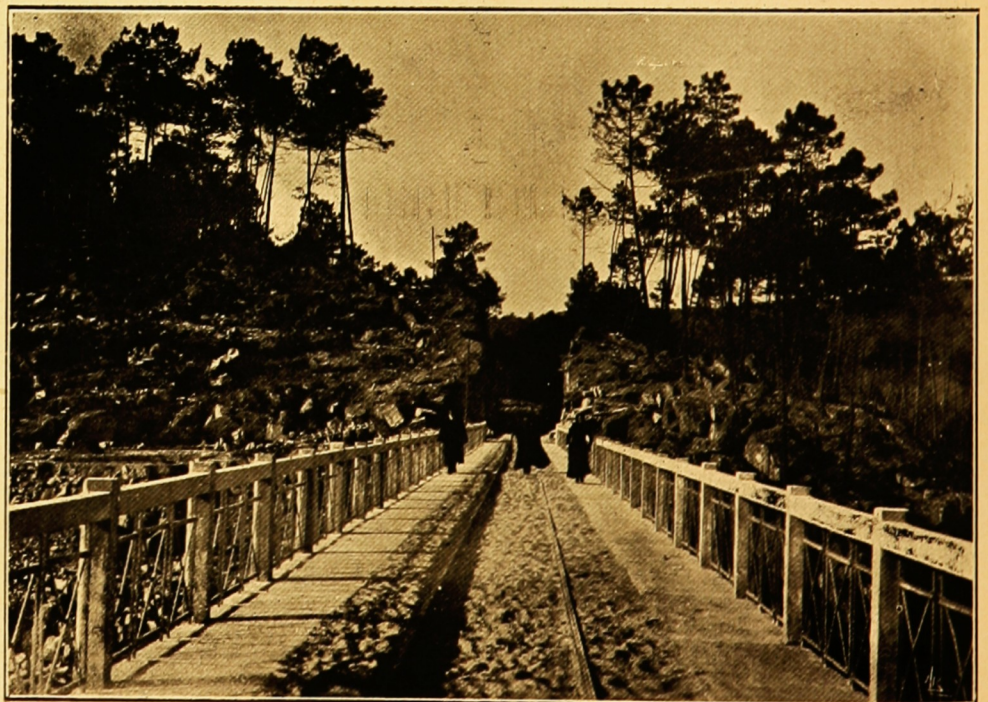
tico, que se realizará em Lourdes, dirigiu ha dias uma carta a todos os bispos do mundo convidando para elle os fieis.

Os dias 22 a 26 de julho são os destinados para o Congresso que certamente será um triumpho de Jesus Sacramentado como os congressos precedentes, o tem sido.

Depois das memoraveis jornadas de Londres, de Madrid e de Vienna, a de Lourdes ha de ser não menos memoranda, e espera-se fundadamente que os fieis de todo o mundo concorram a esse congresso em grande numero.

### Martyres do Apostolado

A necrologia das Missões no anno passado comprehende 10 Bispos e 137 sacerdotes.



**Outro aspecto da nova ponte sobre o Vouga**

(Clichés do phot. am. snr. Joaquim M. Batalha.)



rer 34 religiosos, 16 os Padres do Espirito Santo e 15 a Companhia de Jesus.

Estes infatigaveis trabalhadores da vinha espiritual sacrificam a sua vida e commodidades pelo bem espiritual e progresso da civilização nos paizes longinquos. Quando é que esses philanthropos que os censuram se sacrificarão d'este modo pela humanidade?

### Camara modelo

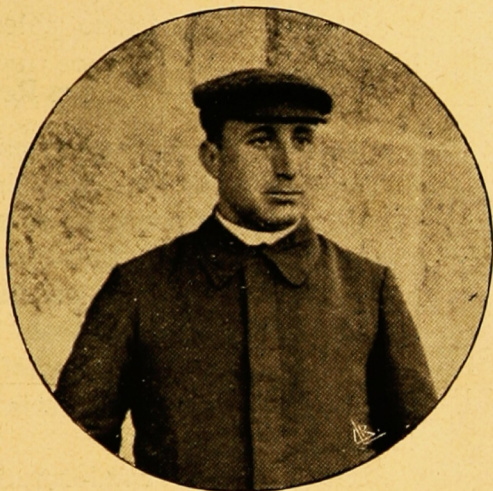
A camara municipal, ou, como lá dizem, *ayuntamiento* de Noez, provincia de Toledo, constituiu-se ha pouco tempo.

O primeiro acto official da corporação foi assistir á missa parochial. O parochio felicitou o

## A "Ilustração Catholica,, no Brazil



MINAS GERAES—Collegio de S. José, na Formiga



MINAS GERAES—Padre Manuel José Lopes, director do collegio de S. José

procedimento da nova camara, consagrando-lhes uma parte da sua pratica.

Talvez algum espirito irreflexivo sorria da carolice d'aquella edilidade.

Pois a nós fica-nos o direito de pensar que a regeneração social do mundo seria facil de realizar com camaras municipaes que fossem á missa.

Dispôr dos segredos, que se nos confiam, é um roubo mais grave e mais consequente, que o da propriedade, pela traição que o acompanha e pela impossibilidade da restituição.



MINAS GERAES—Formiga. Grupo de alumnos do collegio



# LISBOA = O movimento revolucionario de 27 d'Abril

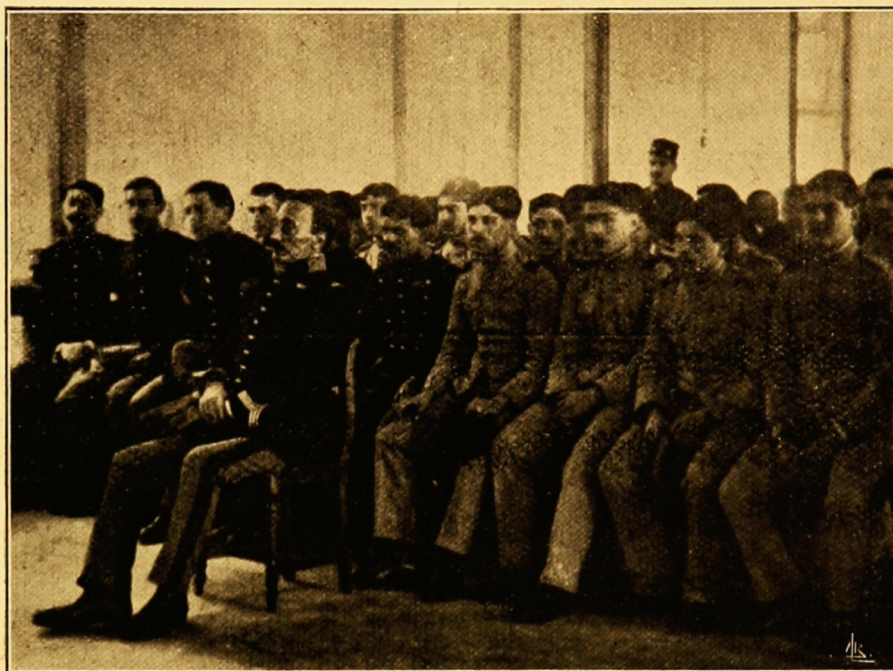
No tribunal de guerra, em Santa Clara, principiou o julgamento dos individuos implicados nos acontecimentos de 27 d'abril.

Entre os accusados encontra-se o capitão Lima Dias, de infantaria 5.

1—O Conselho de guerra que ha de julgar os accusados. 2—O Capitão Lima Dias, sargentos e alguns soldados accusados de entrar no movimento revolucionario. 3—Outro grupo de accusados.

## Centenario de Pio VII

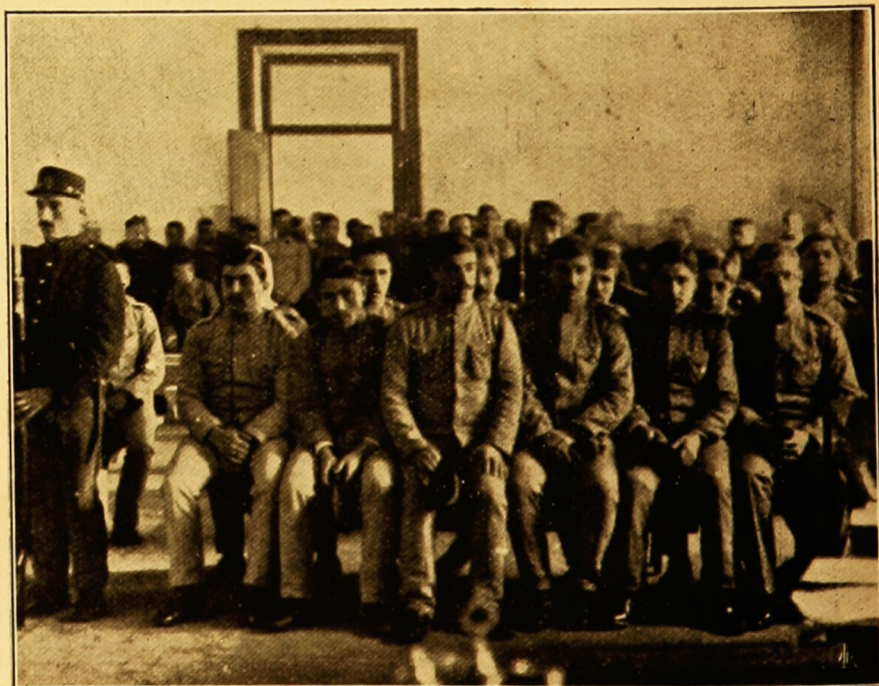
Os catholicos da França estão preparando o centenario do



glorioso Papa Pio VII, victima da revolução coroada.

Um dos jornaes de Paris escreve que o facto que vão celebrar é o triumpho da santa *intransigencia*. Recorda de que modo hoje em dia, outro Papa, prisioneiro da revolução de novo bebe o seu calix de amargura, e que os intransigentes, sempre unidos ás doutrinas do Pontificado, não cedem, reconhecendo a auctoridade papal, enquanto bebem tambem o mesmo calix da perseguição, no qual a traição de uns e a incomprehensivel cobardia de outros verteram a mesma amargura.

Esta a lição que desejam vulgarizar no povo catholico, contra os *opportunistas* de todas as classes.



Em Versailles vão celebrar-se actos expiatorios, e um triduo solemne em Nimes.

## A obra dos Religiosos

Um recente decreto concedeu a medalha francesa de Epidemias a varios Religiosos premiando os seus heroicos trabalhos na ultima guerra balcanica, em casas que estabeleceram para socorrer os cholericos.

Affirma o decreto que tal serviço foi prestado nas mais difficeis e meritorias condições.

Os religiosos condecorados são: Monsenhor Guenard, dos Assumpcionistas, director do Collegio de Santo Agostinho em Philippópolis (Bulgaria).

Monsenhor Heissel, director da Escola Francesa de meninos em Sophia (Bulgaria).

(Clichés do nosso corresp. phot. de Lisboa)







**Alfredo Augusto Samuel Santos**

*Socio fundador da Liga de Defesa Monarchica de Lisboa e ex-redactor do jornal «A Defesa Monarchica», condemnado como conspirador pelo tribunal marcial de Braga em dois annos de prisão maior, e ultimamente amnistiado.*

A Madre Maria Bernard, superiora de um collegio de meninas em Philippópolis; e a madre Josephina Tudo que exerce cargo semelhante em Sophia.

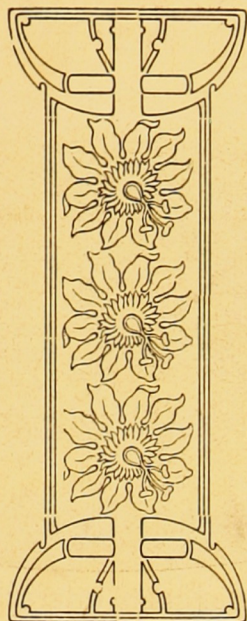
Esta é a obra meritoria dos religiosos, que algumas vezes reconhecem os seus proprios inimigos.

R. C.

## Luigi Negrini

*(Professor e jornalista catholico italiano)*

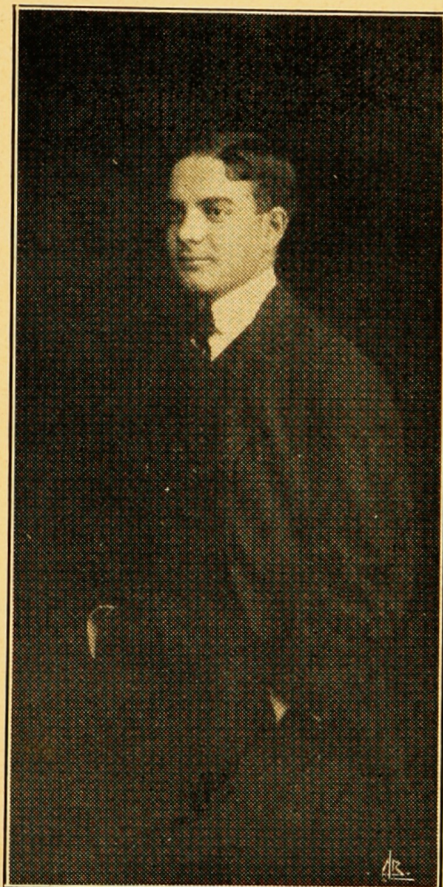
Partiu ha dias a bordo do «Principe der Nederlander» o professor e nosso illustre collega o snr. Luigi



**Luigi Negrini**

Negrini que havia vindo a Lisboa para fazer o reconhecimento d'uma das victimas do naufragio do barco veleiro «Elvo» da Praça de Genova, facto que se deu nas nossas costas do Algarve em novembro do anno findo. S. Exc.<sup>a</sup> veio acompanhado por um tio da victima tendo reconhecido o cadaver que foi transportado a Lisboa onde teve officios fúnebres na igreja do Loreto e mais tarde enviado para a Italia.

O nosso illustre collega foi muito satisfeito pela forma como foi recebido no nosso paiz cujas bellezas muito elogiou, tendo phrases muito amaveis para a nossa obra catholica que muito nos penhoraram, havendo-nos cedido a sua photographia que, como homenagem á sua intelligencia e á sua envergadura como catholico e como jornalista que o é brilhante no seu bello paiz, aqui publicamos.



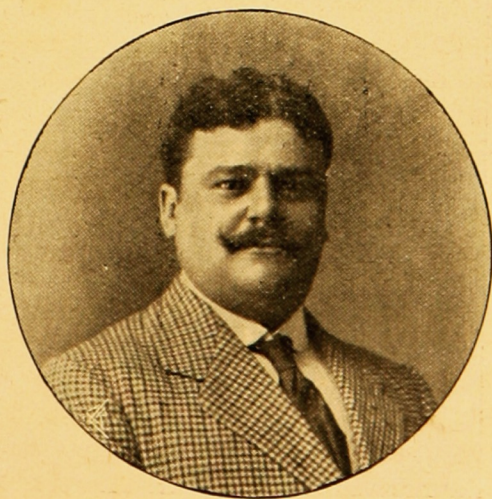
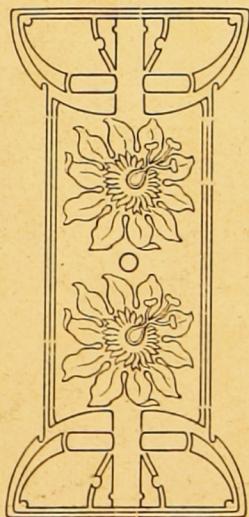
**João Leitão d'Azevedo**

*(Distincto alumno do 7.º anno de sciencias e um dos dirigentes da tuna academica do lyceu de Braga)*



**Armando Cruz**

*(Distincto collaborador da «Illustração Catholica»)*

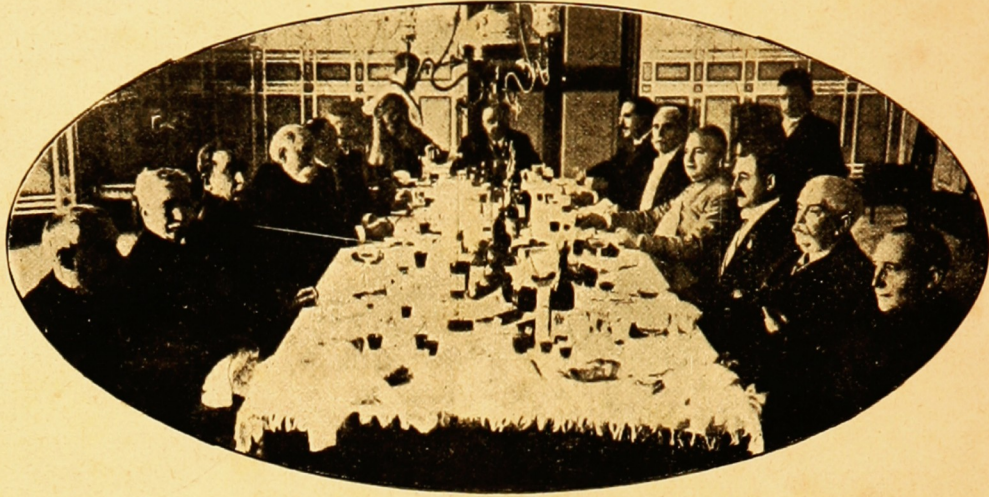
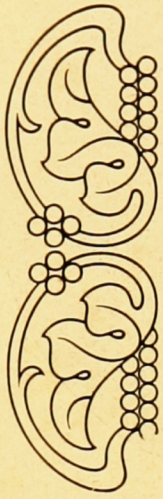


**Maximiano Dias de Carvalho**

*(Distincto photographo amator e collaborador artistico da «Illustração Catholica»)*



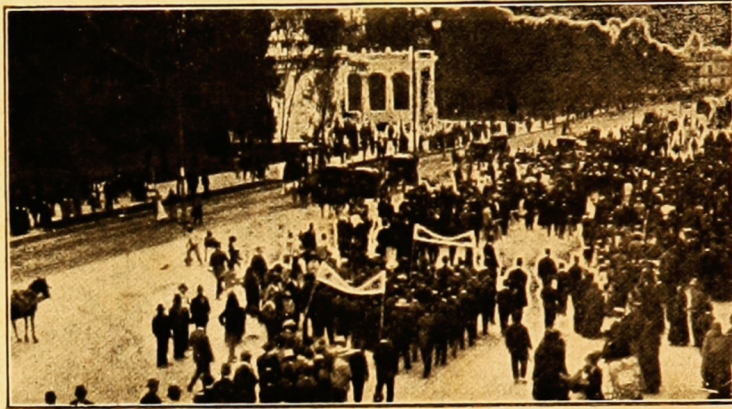
# NOZAS DO ESTRANGEIRO



HESPAÑA—Tarragona. Banquete offerecido pelo Rev.<sup>mo</sup> Sr. Arcebispo D. López Palaez, ás auctoridades e representantes do notariado

## Manifestação catholica

Realisou-se ha dias no Mexico uma imponente e grandiosa manifestação catholica que percorreu as principaes avenidas da capital. Os manifestantes dirigiram-se á cathedral on-



MEXICO — Aspecto da manifestação catholica

de foram recebidos pelo Ex.<sup>mo</sup> Snr. Arcebispo D. José Mora.

Depois de prostrados aos pés de Jesus Christo juraram fidelidade eterna ao mesmo tempo que pediam paz e misericordia para a Republica.



INGLATERRA—O rei Jorge V e comitiva dirigindo-se ao Palacio de Buckingham para a solemne abertura do parlamento

